

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FARROUPILHA
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM GESTÃO ESCOLAR**

**IMPLICAÇÕES DO ADOECIMENTO DOCENTE NA GESTÃO
ESCOLAR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Larissa Hoffmann Carneiro

**ALEGRETE, RS, BRASIL
2021**

Larissa Hoffmann Carneiro

IMPLICAÇÕES DO ADOECIMENTO DOCENTE NA GESTÃO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Escolar do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Alegrete, como requisito para obtenção do título de **Especialista em Gestão Escolar**.

Orientadora: Prof. Prof. Dr. Diego Fernandes Dias Severo

**Alegrete, RS, Brasil
2021**

IMPLICAÇÕES DO ADOECIMENTO DOCENTE NA GESTÃO ESCOLAR

Resumo

A qualidade da vida do profissional da educação embora seja preocupante, ainda é um tema que possui poucas pesquisas. O que vemos atualmente no país, são docentes adoecidos e insatisfeitos com a sua própria profissão devido à diversos fatores. As exigências por parte de pais e gestores, altas demandas de trabalho, carga horária elevada, falta de valorização social e salários baixos fazem com que o trabalho do professor se torne desmotivador e cansativo. O presente projeto possui caráter exploratório e qualitativo e foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar os dados nacionais disponíveis sobre adoecimento docente nas escolas e identificar os possíveis efeitos do adoecimento de professores na gestão de uma escola;

Palavras-chave: docente; adoecimento docente; gestão;

Introdução

A educação brasileira durante anos vem sofrendo com o descaso das escolas e a desvalorização do profissional da educação. Infelizmente, o Brasil é um país que dá pouco suporte para a educação e como resultado disso, temos uma sociedade que não entende o poder que a educação tem de transformação, diferentemente de países desenvolvidos que aprenderam há muito tempo o quanto é necessário o investimento nessa área.

O cenário docente que vemos atualmente no país, são profissionais adoecidos e insatisfeitos com a sua própria profissão devido à falta de estrutura nas escolas, salários baixos, violência, indisciplina dentro da escola e a grande demanda de funções e cobranças ligadas aos professores. Todos esses fatores citados, podem em algum momento da carreira, acometer a saúde do professor.

A qualidade de vida do profissional da educação, embora seja preocupante, ainda é um tema que possui poucas pesquisas. O professor é visto pelo mundo como principal agente do conhecimento, mas ao mesmo tempo, não dão à saúde dele a devida importância que necessita, somente lhes são feitas cobranças e pressões da sociedade em busca de “resultados”.

O chamado “cansaço mental” tão falado entre os docentes em reuniões e até mesmo nos intervalos de aula, não acomete somente a sua saúde, mas o grupo inteiro de professores e a escola na qual está inserido. Partindo desse problema, a ação da gestão escolar torna-se prejudicada se, no âmbito escolar, existem professores adoecidos.

A gestão escolar desempenha na escola a função de otimizar os processos diários, dentre eles, processos burocráticos, pedagógicos e sociais. A organização e a articulação da escola dependem desse setor para que haja êxito em seu funcionamento. O professor é visto nesse momento como mediador, aquele que possui o contato mais próximo com o aluno e com a gestão simultaneamente.

Mesmo com pouca experiência em sala de aula, pude perceber durante minha trajetória de estágios, o quanto alguns profissionais necessitavam de apoio em relação a sua saúde psicológica. Durante as reuniões em que participei, vários docentes faziam queixas sobre a sua saúde e fatores que não lhes estavam agradando em relação ao seu trabalho. Além disso, alguns casos na família de professores adoecidos também serviram como motivação para o desenvolvimento deste trabalho.

Sobretudo, o estudo do adoecimento de professores é de suma relevância para a sociedade, estimulando através dele a busca pelo conhecimento sobre o tema e o surgimento de novas pesquisas neste vasto campo científico.

Diante de todas as dificuldades que a gestão da escola enfrenta, muitas vezes, não paramos para refletir sobre quais resultados esperamos da gestão, na qual há um grupo ou até mesmo um agente “mediador” adoecido, seja ele, psicologicamente ou fisicamente debilitado.

1. Condições do trabalho docente e causas do adoecimento

A frequência de atestados e adoecimento docente encontra relação com o trabalho exercido e fatores como: muito tempo na escola, nível de exigência e cobrança elevado, produtivismo acadêmico, falta de autonomia, falta de tempo para cuidar de si, desvalorização profissional, influência política e conflitos entre professor e gestão (REIS, 2009).

Atualmente no país, vemos profissionais adoecidos e insatisfeitos com a sua própria profissão, devido à falta de estrutura nas escolas, salários baixos, violência, indisciplina dentro da escola e a grande demanda de funções e cobranças ligadas aos

professores. Todos esses fatores citados, podem em algum momento da carreira, acometer a saúde do professor.

Para Antônio Nóvoa (1991), o fato de muitos acreditarem que a profissão docente é uma “missão/vocação” ou até mesmo um “sacerdócio” é uma forma de diminuição e desvalorização do professorado, tanto em nível econômico como profissional e científico.

Segundo Carlotto (2002), as mudanças de contexto social demandam uma carga de estresse muito grande, pois cabe ao professor gerenciar muitas mudanças no meio escolar. O exercício da profissão atualmente exige uma contínua formação, uma vez que novas funções passam a ser necessárias diante da sociedade atual.

Para Esteve (1999), a complexidade da tarefa que o professor assume e a considerável fragmentação de sua atividade, produzida, em parte, pelo aumento das expectativas projetadas sobre eles, propicia que o acúmulo de tensão se dirija ao desenvolvimento de uma ansiedade perturbadora.

A jornada de trabalho docente torna-se desgastante e inacabável devido ao acúmulo de funções e cobranças. Além disso, alguns fatores perduram na história do professor brasileiro, como, desvalorização da carreira, baixos salários e até mesmo condições extremas de trabalho.

Devido aos salários baixos, os professores buscam mais horas de trabalho em escolas distintas, tornando a jornada mais cansativa por falta de tempo de descanso e alta demanda de trabalho. Sendo assim, o trabalho torna-se o centro da vida do profissional, o que pode lhe causar adoecimento físico ou mental.

Além disso, estão submetidos nas escolas a uma série de atividades, disciplinas e matérias que precisam concluir com seus alunos em um determinado período. Ao mesmo tempo, precisam atender turmas com pelo menos 35 alunos. Cada um deles necessitando de atenção e acompanhamento, portando necessidades emocionais e cognitivas distintas.

Lima e Carvalho (2013) afirmam que o adoecimento ocorre pela intensificação do ritmo de trabalho, o que antes se referia apenas em ensinar disciplinas, assume outras funções como assessoramento psicológico, hábitos de saúde e higiene, pouca infraestrutura do ambiente escolar, relações conturbadas com familiares e alunos, a baixa remuneração etc.

Portanto, a jornada de trabalho do profissional da educação, devido aos diversos fatores citados, torna-se desgastante e inacabável, repleto de diferentes funções e obrigações. A seguir serão descritas as principais doenças que acometem a saúde do professor.

2. Doenças recorrentes

Com base nos artigos estudados, o sentimento mais presente entre as pesquisas e que define a carreira docente atualmente é o “mal-estar”. Dentre as diversas pesquisas analisadas, quando se trata de saúde, as queixas são recorrentes e cotidianas na vida de qualquer docente.

Numa lógica de competitividade, onde o professor é visto apenas como um prestador de serviço, o adoecimento, principalmente por transtornos mentais, encontra terreno fértil (LANDINI, 2008).

Nesse sentido:

Os professores, pelo conjunto de fatores sociais e psicológicos, sofrem as consequências de estarem expostos a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho, cuja dificuldade aumentou, fundamentalmente, pela fragmentação da atividade do professor e o aumento de responsabilidade que lhe são exigidas, sem que se lhes tenham dotado de meios e condições necessárias para levá-la a cabo (ESTEVE, 1999, p. 48).

A perda de autonomia do professor em sala de aula trouxe consigo algumas inquietações por parte do mesmo. O docente sente-se responsável pelo sucesso, e, principalmente, pelo fracasso dos seus alunos.

As exigências por parte de pais e gestores, altas demandas de trabalho, carga horária elevada, falta de valorização social e salários baixos fazem com que o trabalho do professor se torne desmotivador e cansativo. Além dos fatores estressores citados acima, as pesquisas trazem outro ponto que afeta o professor em seu âmbito de trabalho: a falta de preparação para tratar inclusão na escola.

A prevalência de distúrbios vocais em professores é mais alta do que em outros profissionais, e os docentes são aqueles que recebem mais atenção nos estudos epidemiológicos e nas discussões a respeito do distúrbio de voz considerado como/um agravo relacionado ao trabalho (Ferreira e Martz, 2010).

No entanto, o enfoque epidemiológico pode ocultar outras facetas e dimensões da problemática no que diz respeito à saúde do professor, pois muitas queixas corriqueiras entre os pesquisados vão além dos distúrbios vocais e dores no corpo. Com grande frequência, os relatos relacionados à saúde mental apareceram com maior prevalência,

dentre os citados, estavam o cansaço mental, ansiedade, esquecimento, nervosismo e insônia.

Um estudo desenvolvido com professores de uma escola da rede particular na Bahia, evidenciou que o adoecimento psíquico constitui um problema de significativa relevância entre os docentes, tanto no que diz respeito às referências de sintomas de cansaço mental e nervosismo quanto na identificação de transtornos mentais comuns (Reis et.al, 2006).

Segundo uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Medicina do Trabalho (2017), a docência está entre as dez profissões com mais indivíduos depressivos. O professor, em seu trabalho, enfrenta inúmeros desafios e assume grandes responsabilidades, constituindo uma das categorias profissionais mais sujeitas a apresentar sofrimento mental (TOSTES, 2018, p. 90).

A ansiedade também faz parte das doenças que mais vêm crescendo em meio aos professores. Ela é caracterizada como preocupação excessiva e frequentemente vem acompanhada dos seguintes sintomas: irritabilidade, dificuldade em concentrar-se, inquietação, fadiga e humor deprimido (SCARPATO, 2019).

Uma pesquisa realizada pela Associação Nova Escola, com cerca de 5 mil docentes, ressaltou que 63% dos entrevistados já precisaram se afastar do trabalho devido a sintomas da Síndrome de Burnout, como, por exemplo, dores de cabeça excessivas e estresse.

As manifestações de Burnout em professores são reações psicossomáticas e, segundo Rodrigues e Gasparini (1992), estas doenças são consequências da interação dos processos psicológicos e mentais e das funções somáticas e viscerais. O trabalho de Schaufeli e colaboradores (1993), demonstrou que é a doença ocupacional mais frequente entre os profissionais da área de educação.

Em Bagé-RS, uma pesquisa realizada com 58 escolas do município, ressaltou que professores com maior tempo de docência apresentaram Percepção de Saúde Geral (PSG) ruim/regular cerca de duas vezes maior que os demais. Por outro lado, muito boa/ótima foi mais prevalente entre os professores com menor tempo de docência (< 10 anos).

Um estudo realizado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) com 165 professores da rede municipal de São Paulo-SP, destacou em relação à saúde, ansiedade, alergias e dores de cabeça como queixas comuns e em alta porcentagem entre os docentes. Também destacaram cefaléia e ansiedade como sintomas mais frequentes.

A pesquisa de Noronha (2001) também identificou os sentimentos de insatisfação, frustração e ansiedade relatados nas entrevistas evidenciando a associação entre as queixas de cansaço e sobre esforço físico e mental solicitados pelo conjunto das atividades estudadas por meio das técnicas da escola francesa de ergonomia.

A partir de pesquisas já realizadas, evidenciamos neste tópico as principais doenças ocorridas entre docentes. Essas, muitas vezes, acarretam violentamente a saúde do profissional da educação, o que o leva a afastar-se do trabalho, esse tema será apresentado a seguir.

3. Afastamento docente

Diante dos diversos fatores citados nesse trabalho, os professores, sem ânimo para continuar exercendo a profissão, não encontram outra saída e se afastam da sala de aula. A exaustão emocional e suas condições de trabalho são as causas predominantes dessa situação.

A saúde docente ainda é tratada como uma questão secundária nas preocupações do setor da educação, tanto por parte de gestores como dos próprios professores (Araújo e Carvalho, 2009).

Alunos da Universidade de Santa Cruz do Sul realizaram um estudo descritivo retrospectivo, que utilizou dados secundários, e foi constituído por 2.181 professores de escolas públicas municipais de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2012 e 2016 a fim de reunir dados sobre Transtornos Mentais e do Comportamento em docentes. Segundo essa pesquisa, ocorreram 246 afastamentos, sendo o maior número ocorrido em 2015. Dentre as principais causas dos afastamentos estão os transtornos mentais, neurológicos relacionados ao estresse e de humor.

Quando os professores são investigados juntamente com outras categorias profissionais de servidores públicos são os que apresentam maior prevalência nestas modalidades de adoecimento (Costa e Santana, 2012).

Um estudo da Psicologia desenvolvido por alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou análises estatísticas dos dados de prontuários de professores afastados e entrevistas. A pesquisa constatou que 50% dos professores estiveram afastados

do trabalho por transtornos mentais e comportamentais, principalmente transtornos depressivos leves e graves.

No mesmo estudo, constatou-se que dos 50% dos professores foram afastados por transtornos mentais e comportamentais, aproximadamente metade destes, 24% por diagnóstico de depressão, 12% por transtorno bipolar, seguidos por reação aguda ao estresse, transtorno de adaptação e ansiedade generalizada e Síndrome de Burnout.

Costa e Germano (2007) afirmam, baseados em dados de pesquisa, que o trabalho em educação possui características peculiares que geram estresse e alterações no comportamento dos profissionais envolvidos.

Segundo Fonseca (2015) as novas exigências do trabalho atual alteram as capacidades do trabalhador. Decisões complexas, mediadas e solicitadas pela informática, trazem a urgente necessidade de cuidados com a saúde mental no trabalho. Os riscos podem também decorrer da invasão do espaço pessoal, o que pode agredir psicológica e mentalmente os trabalhadores.

No Brasil, o afastamento da profissão docente se tornou recorrente nos últimos anos e as consequências não afetam somente a vida da escola, e sim, o grupo de professores e seu próprio envolvimento com o trabalho. Muitas vezes, os primeiros sintomas são ignorados e a situação torna-se mais grave, progredindo assim, para o distanciamento da profissão em algum momento da carreira.

Para Dejours (1992), a ausência do trabalho pode materializar-se como uma estratégia defensiva de enfrentamento do preconceito frente ao sofrimento e adoecimento mental. Dessa forma, seria um meio de resistência, de fuga ou de enfrentamento a uma situação de conflito.

Diante da nossa jornada acadêmica e da bagagem cultural que carregamos, criamos uma ideologia de professor “perfeito” sem sabermos de que na prática a profissão apresenta alguns problemas reais e que a partir disso, temos profissionais insatisfeitos que levam um grande “susto” ao exercer a carreira docente. Grande parte desses profissionais, acabam optando por afastamento da docência, cansaço físico e mental.

Alguns docentes optam pelo afastamento, como modo de defesa, a fim de evitar constrangimentos e fugir de problemas e responsabilidades referentes à escola. Além do adoecimento, o afastamento docente também conta com outros fatores dentro do ambiente escolar que corroboram para ausência do professor como, por exemplo, a falta de organização do trabalho e da escola, condições de trabalho não-favoráveis e alta demanda de trabalho.

Os problemas de saúde que acometem os professores podem impedir temporariamente a capacidade do professor exercer a sua carreira ou até mesmo afastá-lo definitivamente da sala de aula.

A partir da combinação desses fatores a escola tornou-se um ambiente provocador de tensão, estresse e sofrimento. Como consequência, os profissionais professores sentem-se cada vez menos estimulados pelo trabalho, criando um círculo vicioso de sofrimento, adoecimento e afastamento. "As manifestações de sofrimento surgem mediante vivências de sentimentos de tédio, insatisfação, indignidade, inutilidade, desvalorização e desgaste no trabalho" (Rossi, 2010, p. 306).

Este tópico apresentou algumas informações e estudos encontrados sobre o afastamento docente no Brasil. Passamos a analisar as implicações destes na gestão escolar.

4. Implicações na Gestão Escolar

O termo “gestão” vem do latim *gestione*, significa ato de administrar ou de gerir recursos, pessoas ou qualquer objeto que possa ser administrado com alguma finalidade: seja em benefício próprio ou de uma entidade. Quando pensamos em Gestão Escolar, diretamente nos remetemos a questões burocráticas do setor pedagógico e ou administrativo.

A gestão escolar desempenha um papel que vai além daquilo que pensamos muitas vezes. Além de organizar a função de cada professor e funcionário, promover capacitações, projetos de integração com a comunidade escolar e traçar metas e objetivos para a sua escola, o diretor precisa olhar atentamente aos sinais de "mal-estar" do docente dentro da sua escola.

Alguns sintomas que confirmam o adoecimento entre os docentes e que muitas vezes passam despercebidos facilmente pela gestão, são as faltas eventuais, atestados e até afastamentos. Estes acabam por colocar a profissão de professor entre as mais desgastantes, devido à pressão, intensificação do trabalho e o estresse diário.

No Brasil, os trabalhos científicos sobre as condições de trabalho e saúde dos professores ainda são restritos, mas é um tema que vem ganhando força nos últimos anos na comunidade acadêmica. A legislação brasileira até o momento não traz nenhum texto específico em relação a saúde dos profissionais da educação, o que vemos são muitas ideias que não passam apenas de Projetos de Lei.

Em 2020, foi encaminhado o Projeto de Lei 302/20 que garante atendimento prioritário para professores em instituições de saúde públicas e privadas. O texto está em análise na Câmara dos Deputados, aguardando designação de relator na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF).

Conforme prevê a Lei 8.112/1990, caso um profissional tenha a mesma doença repetidas vezes, cabe até mudá-lo de função, pois casos extremos resultam em aposentadoria precoce.

Para Alves et al. (2009, p. 567), são consideradas condições de trabalho os aspectos do ambiente que podem, em intensidade ou concentração elevadas, interferir no corpo do trabalhador e gerar doenças.

Segundo Silva e Carlotto (2003) a Síndrome de Burnout e outras doenças não afetam apenas o professor, mas toda a instituição, pois, quando ele não consegue concretizar seus objetivos pedagógicos, acaba causando uma desestabilização educacional.

A partir dos fatores citados neste trabalho, que contribuem para o adoecimento dos professores, passamos a refletir então sobre a saúde coletiva da escola como um todo e sua gestão.

Ainda, Carlotto (2002) diz que este ambiente de adoecimento não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores sociais como políticas educacionais e fatores sócio-históricos.

Portanto, quando a escola está com seu principal “agente do conhecimento” adoecido, este, não afeta somente o aluno que está na sala de aula, mas a todo o funcionamento de uma instituição, assim como, o grupo inteiro de professores que podem, posteriormente, vir a passar pela mesma situação. Assim, a escola deixa de ser produtiva e obter sucesso no aprendizado dos alunos.

Considerações Finais

Diante dos dados reunidos neste trabalho, é necessário a realização de novos estudos que demonstrem a realidade da profissão docente. Muitos trabalhos existentes destacam apenas a saúde física docente, ignorando existência de problemas de saúde mental no profissional. Embora exista um número considerável de trabalhos nesta área, há pouco desenvolvimento do assunto em relação a gestão de saúde pública, pois, até o

momento, não existem leis ou políticas públicas destinadas aos docentes que passam por adoecimento na carreira.

No entanto, as ações governamentais precisam ocorrer de forma conjunta entre a escola e as políticas de saúde para que se obtenha êxito. Além disso, o incentivo a gestão de cada escola seria um diferencial para atuar no combate. É de grande importância que as ações não se destinem apenas aos casos físicos visíveis, mas também aqueles que, muitas vezes, estão silenciados dentro da escola. Além de estratégias que ampare a saúde dos professores, é preciso compromisso em rever os fatores que lhes causam adoecimento a fim de evitar o mal-estar docente e construir soluções para este problema que afeta a educação como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, T.M. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1117-1129, 2006.

ARAÚJO, T.M. et al. Fatores associados a alterações vocais em professoras. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1229- 1238, 2008.

CARLOTTO, M. S. A Síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.7, n.1, p. 21-29, jan/jun, 2002. Disponível em: Acesso em: 11 jul. 2021.

Carlotto, M. S. & Câmara, S. G. (2007). Propriedades psicométricas do Maslach Burnout Inventory em uma amostra multifuncional. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(3), 325-332.

CARVALHO, A.J.F.P.; ALEXANDRE, N.M.C. Síntomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 10, n. 1, p. 35-41, 2006.

Costa, P., & Germano, A. (2007). Afastamento dos professores de 5^ª à 8^ª séries da rede municipal de Ipatinga da sala de aula: principais causadores. In Centro Universitário de Caratinga (Org.), *Anais do VI Congresso de Letras: Linguagem e Cultura: Múltiplos Olhares*.

Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a-sala-de-aula e a saúde dos professores**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, L. P.; SILVA, M. A. A.; GIANNINI, S. P. P. *Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: práticas fonoaudiológicas*. São Paulo: Roca, 2015.

LANDINI, S.R. Trabalho Docente, Precarização e Quadros de Adoecimento. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.17, n.30, p. 117-128, julho/dezembro, 2008.

LIMA, I. C. dos S; CARVALHO, M. V. C. Os significados e os sentidos do mal-estar docente na voz de uma professora de início de carreira. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 16, n. 2, p. 295-312, 2013. Disponível em: Acesso em: 22 jun. 2021.

NORONHA, M. M. B. **Condições do exercício profissional da professora e dos possíveis efeitos sobre a saúde:** estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina da UFMG. Belo Horizonte, 2001. 157 p.

Nóvoa, A. (1991). *Vidas de Professores*. Porto, Portugal: Porto Editora.

Nóvoa, A. (1999). *O Passado e o Presente dos Professores*. In: Nóvoa, António. (Org. Profissão Professor. Porto – Portugal: Porto Editora.

REIS, M. I. A. **Gestão, trabalho e adoecimento docente:** caminhos e descaminhos na Fundação Escola Bosque. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2009.

Silva, E. B. F., Tomé, L. A. O., Costa, T. J. G., & Santana, M. C. C. P. (2012). Transtornos mentais e comportamentais: perfil dos afastamentos de servidores públicos estaduais em Alagoas, 2009.

REIS, E.J.F.B. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1480-1490, 2005.

REIS, E.J.F.B. et al.. Docência e exaustão emocional. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 251-275, 2006.

RODRIGUES, A. L.; GASPARINI, A. C. L. F. Uma perspectiva psicossocial em psicossomática: via estresse e trabalho. In: MELLO FILHO, J. *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p 93-107

Rossi, E. (2010). Psicodinâmica do trabalho: um olhar sobre a saúde do trabalhador. In M. Pantoja, M. Camões, & S. Bergue (Orgs.), *Gestão de Pessoas: bases teóricas e experiências no setor público* (Capítulo VI, pp. 301-315). Brasília: ENAP.

SCHAUFELI, W. B.; MASLACH, C.; MAREK, T. The future of burnout. In: SCHAUFELI, W. B; MASLACH, C.; MAREK, T. (Orgs.) *Professional burnout, recent developments in theory and research*. Philadelphia: Taylor & Francis, 1993. p. 253-259.

SCHAUFELI, W. Evaluación de riesgos psicosociales y prevención del estrés laboral: algunas experiencias holandesas. *Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones*, Madrid, v. 15, n. 2, p. 147-171, 1999.

Tostes, Maiza Vaz et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate*. 2018, v. 42, n. 116, p. 87-99. Acesso em 15 jun. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>>.

